

UM “RETRATO” DE ARACAJU AOS 20 ANOS: EXAME DE UM MAPA DE 1875*¹

Amâncio Cardoso**

RESUMO

Este artigo analisa um mapa manuscrito de 1875, autoria de Andréas Cernadak, em que estão representadas Aracaju e a barra do Cotinguiba. Assim, o texto traz dados sobre o autor; caracteriza o documento e faz um exame do seu conteúdo. A partir desse mapa, relativamente pouco conhecido, e o cotejo com outras fontes coevas, a análise produz uma espécie de “fotografia” de Aracaju, após 20 anos de sua fundação como capital. Neste sentido, o estudo pode contribuir para novas pesquisas das condições urbanas da cidade em seus primórdios.

Palavras-chave: Mapa de Aracaju. Perfil urbano. Século XIX.

* Agradeço ao prof. Dr. Francisco José Alves (UFS/DHI) pela leitura atenta e contribuições feitas ao texto.

** Mestre em História (UNICAMP). Professor do Instituto Federal de Sergipe (IFS). E-mail: acneto@infonet.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8745-918X>.

A “PORTRAIT” OF ARACAJU AT 20 YEARS OLD: EXAMINATION OF A MAP FROM 1875.

ABSTRACT

This article analyzes a handwritten map from 1875, written by Andréas Cernadak, which depicts Aracaju and the Cotinguiba River. The text provides information about the author, characterizes the document, and examines its content. Based on this relatively little-known map and its comparison with other contemporary sources, the analysis produces a kind of “photograph” of Aracaju, 20 years after its founding as the capital. In this sense, the study can contribute to new research on the urban conditions of the city in its early days.

Keywords: Map of Aracaju, Urban profile, 19th century.

UN “RETRATO” DE ARACAJU A LOS 20 AÑOS: ANÁLISIS DE UN MAPA DE 1875.

RESUMEN

Este artículo analiza un mapa manuscrito de 1875, de autoría de Andréas Cernadak, que representa Aracaju y la barra de Cotinguiba. Así, el texto proporciona información sobre el autor; caracteriza el documento y examina su contenido. A partir de este mapa relativamente poco conocido y de la comparación con otras fuentes contemporáneas, el análisis produce una especie de “fotografía” de Aracaju, 20 años después de su fundación como capital. En este sentido, el estudio puede contribuir a nuevas investigaciones sobre las condiciones urbanas de la ciudad en sus inicios.

Palabras clave: Mapa de Aracaju, Perfil urbano, siglo XIX.

INTRODUÇÃO

Nas datas de aniversário da fundação de Aracaju, um exercício de reconstituição histórica é pensar como foram os primeiros anos de vida na capital de Sergipe, projetada em 1855, numa área sem urbanização. Esta reconstrução pode ser realizada diante de uma evidência ou fonte de época, a exemplo da representação cartográfica intitulada “Mapa da Barra e do rio Cotinguiba, cidade do Aracaju, província de Sergipe, 1875”, de Andréas Cernadak. (figura 01)

Esse testemunho foi produzido vinte anos após Aracaju se tornar capital. Com isso, pretende-se responder os seguintes problemas: Como Aracaju estava configurada urbanisticamente, após duas décadas de sua fundação? Ou ainda, quais os desafios e soluções para tornar a nova cidade aprazível vinte anos após se tornar capital da província? Estas questões serão respondidas a partir do exame do referido mapa.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar esse mapa manuscrito para obter um perfil da então nova capital. Ou seja, pretende-se delinear a estrutura urbana de Aracaju a partir daquele testemunho oitocentista. Neste sentido, o texto traz dados sobre o autor do mapa; caracteriza o documento e faz um exame do seu conteúdo. Vale ainda dizer que o mapa de Cernadak é uma fonte ímpar porque são relativamente escassos manuscritos cartográficos que representam Aracaju na segunda metade do século XIX.

1 DA AUTORIA E CARACTERÍSTICAS DO MAPA.

1.1 Sobre a autoria da fonte, encontramos as seguintes informações. Andréas L. Cernadak era um engenheiro civil nascido na Áustria. Desde 1871, era membro efetivo do clube de engenheiros e arquitetos do Império Austríaco, conforme a revista da agremiação, publicada em Viena, em 1873. Ele esteve em Sergipe em julho de 1875, enviado pelo governo geral, para “fazer o estudo da barra do Cotinguiba, levantar a carta hidrográfica e apresentar o plano e orçamento das obras”. Mas Cernadak logo depois retornou à Corte “levando consigo seus trabalhos e estudos. E nisto ficou”. Pois o serviço só seria realizado “mediante o dispêndio de uma garantia extraordinária”. Porém, Sergipe atravessava grave crise financeira.¹

¹ A revista do clube de engenheiros e arquitetos da Áustria é a *Zeitschrift des Oesterreichischen Ingenieur und Architekten Vereins*. Wien, 1873. p. 08. Cernadak também elaborou projeto de melhoramento do porto de Maceió-AL. Sobre as obras de Cernadak em Alagoas, ver: Cernadak (1875); *Jornal do Commercio* (1874, nº 338); *A Nação* (1874, nº 202); *A Nação* (1875, nº 200). Sobre a presença de Cernadak em Sergipe, ver: Sebrão (1876, p. 19); Fontes (1877, p. 48); *Almanak do Império do Brasil* (1883, p. 727).

Figura 1: Planta de Aracaju e Barra do Cotinguiba, 1875.



Fonte: BRASIL. Arquivo Nacional. CERNADAK, Andréas. Mapa da Barra do Cotinguiba.

1.2 Quanto ao documento (figura 01), ele pertencia ao arquivo da Diretoria das Obras Públicas, do Ministério da Agricultura. Hoje, ele está depositado no acervo do Arquivo Nacional-RJ, com escala de 1:5.000, sob o código de referência BR RJANRIO 4Y.0.MAP.149. O mapa é um manuscrito colorido, datado de 20 de setembro de 1875, medindo 174 cm de largura, por 81 cm de altura, representado em folha de papel, apenas frente. Ele está em boa condição de conservação e legibilidade, apesar de marcas de fitas adesivas e uma perfuração no centro da folha, mas que não comprometem o conteúdo nem a leitura.

Em relação ao conteúdo, o documento registra alguns topônimos: “Cidade do Aracaju” (atual centro histórico); “Rio Cotinguiba” (atual Sergipe) e “Praia dos Coqueiros” (atual Barra dos Coqueiros), além de “Apicum Secco”; “Mangue”; e [Povoado] “Santo Antônio”. Há também a nominação de algumas construções públicas e privadas, a exemplo de trapiches, alfândega, pontes, praça, cemitério e hotel. O mapa possui ainda três legendas no canto inferior esquerdo. Elas registram: vermelho – “Edifícios Públicos”; cinza – “Casas Particulares”; azul marinho – “Hotel do Brasil”.

Dessa forma, utilizando o mapa como documento, analisaremos seu conteúdo para entender a estrutura urbana de Aracaju à época, através de uma abordagem sincrônica.² Para isso, examinaremos os

2 O método de análise aqui utilizado foi baseado em ALVES, Francisco José. Como examinar uma fonte histórica textual: um roteiro. In ALVES, Francisco J.; BARBOSA, Saulo (Orgs.). *A Lição das Fontes: exercícios de pesquisa historiográfica*. Aracaju: Criação Editora, 2022. p. 13-22.

topônimos do documento, correlacionando-os com outros testemunhos coevos (relatórios; ofícios; relatos de viajante; jornais e revistas) e com a bibliografia pertinente. Dessa maneira, pretendemos compor uma espécie de “fotografia” da capital vinte anos após sua fundação.

2. EXAME DO MAPA.

2.1 Aracaju em 1875: uma cidade em construção.

Na década de 70 do século XIX, Aracaju possuía cerca de 6.000 habitantes e 1.570 fogos (habitações). A paróquia da cidade compreendia a povoação do Santo Antônio e capital. Ela estava à margem direita do rio Cotinguiba (atual Sergipe), a cerca de 13 Km acima da barra. Além disso, a jovem urbe era rodeada por morros arenosos (Oliveira Junior, 1872, p. 43).

No mapa de Cernadak, por exemplo, vislumbramos tais elevações de areia através das curvas de nível. Vê-se também uma feira de casinhas sobre os morros, circundando a cidade. Estas casinhas certamente eram de taipa e/ou palha, representadas por quadrículas cinzas. Portanto, a cidade estava “edificada sobre uma baixa planície arenosa”, por trás da qual existiam “morros de areia irregulares”, confirmou Milnor Roberts (1810-1881), famoso engenheiro civil norte americano que visitou Sergipe em 1881.³

Em 1874, um ano antes da elaboração do mapa de Cernadak, o inspetor de saúde pública de Sergipe, dr. Francisco Sabino Coelho de Sampaio (1811-1893), anotou a presença de moradores desvalidos habitando em casebres sobre dunas nas cercanias de Aracaju. Assim, em visita à rua do Topo, ao norte e “um pouco retirada do centro”, dr. Sabino relatou que em “algumas casinhas de palha que compõem a rua [do Topo]”, haviam falecidos dois moradores por varíola, (...) “expostos ao chão e em extremo mal tratados” (Sampaio, 1874, p. 08). Rua do Topo indica que a via ficava numa elevação, no cimo das dunas.⁴ Os casebres sobre as areias estão representados no mapa, formando um cordão de moradias humildes.⁵ Certamente, casebres de migrantes do interior, que vinham à nova capital em busca de melhores condições, habitando à margem da área projetada pelo engenheiro Pirro.⁶

No canto inferior direito do mapa, por exemplo, vê-se um outro aglomerado de casinhas sobre uma elevação arenosa no extremo oeste do plano da cidade. Este local é onde hoje se situa o Largo Pedro Alves Braz, no antigo Morro do Cruzeiro, ainda denominado de “Maloca”, próximo ao Centro de Cria-

³ William Milnor Roberts faleceu no Brasil em 14 de julho de 1881, seis meses depois de trabalhar em Sergipe, em janeiro do mesmo ano. Outro testemunho que viu casebres de taipa e/ou palha sobre morros arenosos em Aracaju foi o médico alemão Robert Avé-Lallemant (1812-1884). Ele escreveu em 1859 que por trás e junto da cidade via-se “uma horrível aglomeração de casas cinzentas, de barro, com telhados de palha de coqueiro”. A sensibilidade médico-acadêmica da época era contrária a esse tipo de habitação, sobretudo numa capital. (Avé-Lallemant, 1980, p. 335).

⁴ Dois testemunhos do final do século XIX também registraram a presença de elevações arenosas que estão representadas no mapa de 1875. Silva Lisboa (1850-1903) afirmou em seu livro de geografia de Sergipe (1897) que o morro “do Pyrrho” era uma das principais elevações da capital. E Laudelino Freire (1873-1937) escreveu em seu livro também de geografia de Sergipe (1898) que em Aracaju notava-se “a Noroeste os morros de Santo Antônio e Pyrrho, formado este unicamente de camadas arenosas”.

⁵ Em 1867, o chefe de polícia de Sergipe declarou que em Aracaju “os incêndios são fáceis e assustadores, porque uma grande maioria das casas é de palha”. (Assis, 1867, p. 06).

⁶ O primeiro plano urbanístico de Aracaju foi elaborado em 1855 pelo engenheiro militar Sebastião José Basílio Pirro (1817-1880). Sobre a trajetória de Pirro em Sergipe e no Brasil, ver Cardoso (2023, p. 333-351).

tividade, bairro Getúlio Vargas. Na área, havia choupanas de palha até as primeiras décadas do século XX, onde habitavam descendentes de escravizados, migrados do interior do Estado.⁷

As casas de palha ou de alvenaria, no mapa de Cernadak, não estão indicadas com nomes das respectivas ruas ou praças, exceto o da “praça do Imperador”. Quanto às edificações, elas são nominadas, a exemplo da alfândega, pontes (atracadouros) e trapiches.

3. TOPÔNIMOS EDIFICADOS NO MAPA DE CERNADAK.

3.1 Praça do Imperador

A praça do Imperador (atual Fausto Cardoso), localizada no centro do plano da cidade e à margem do rio Cotinguiba, foi aterrada e nivelada para evitar encharcamentos, na década anterior à confecção do mapa (Veiga, 1869, p. 85-86). Esta praça era, e ainda é, o principal logradouro do núcleo urbano. Nela se localizavam o palácio do governo (1863); o palácio da assembleia provincial (1873); o casarão da tesouraria da fazenda ou palacete provisório (1856); a ponte do imperador (1859/60); e o Hotel do Brasil (década de 1860), pintados de vermelho no mapa.

Os palácios do governo e o da assembleia dominavam a paisagem, servindo de portal para quem chegasse pela via fluvial, com desembarque na ponte do Imperador. Em 1875, o Palácio abrigava a Secretaria do Governo, a Secretaria Militar e os Correios. Já na Assembleia, funcionava a Câmara dos Deputados no pavimento superior, e no piso térreo passou a funcionar a Tesouraria Provincial, que até então ocupava uma casa alugada.

Quanto à Tesouraria da Fazenda, ela passou a funcionar no antigo palacete provisório, localizado na esquina norte da praça do Imperador com a rua da Aurora (atual rua da Frente), cujo antigo casarão foi adaptado para servir de Palácio Imperial quando D. Pedro II (1825-1891) e Dona Tereza Cristina (1822-1889) visitaram Sergipe em janeiro de 1860. Por conta da hospedagem imperial ali próximo, a praça e a ponte (ainda de madeira) receberam o topônimo em alusão ao monarca (JORNAL DE SERGIPE, nº 93, 1879, p. 04).

Quase defronte da ponte do Imperador, estava o “Hotel do Brasil”⁸. O empreendimento de Manoel Pedro de Melo era o principal meio de hospedagem de Aracaju nos anos 1870. Situava-se na face sul da esquina da praça com a rua da Aurora, local da atual Assembleia Legislativa do Estado. Sua posição era estratégica, na medida em que os visitantes chegavam nos vapores pelo rio logo em frente, como se vê no mapa. A hospedagem no hotel oferecia almoço, jantar, ceia de chá ou café, banho frio ou morno e quarto “o mais asseado possível”, dizia uma nota. O Hotel Brasil é a única edificação legendada com a cor azul no mapa. Talvez Andréas Cernadak quisesse destacar em seu mapa o local onde teria se hospedado (JORNAL DE SERGIPE, nº 18, 1879, p.04).

⁷ Conforme os dicionaristas, uma das acepções de maloca é casa muito pobre e rústica. Sobre a comunidade da Maloca em Aracaju, ver: Fiocruz (2024).

⁸ Nas demais fontes coevas, o hotel se chamava “Hotel Brazil”, com ‘z’, mas no mapa de Cernadak está escrito “Hotel do Brasil”, com ‘s’.

3.2 Templos Católicos

No mapa de Cernadak estão representados os dois primeiros templos católicos construídos na nova capital. O primeiro é a Casa de Oração de São Salvador, e o segundo é a Matriz de Nossa Senhora da Conceição (atual Catedral Metropolitana).

3.2.1 Casa de Oração de São Salvador

A Casa de Oração foi o primeiro templo católico erigido na capital, servindo de matriz até a conclusão da igreja da Conceição. Ela se localiza, no mapa de Cernadak, na mesma rua do antigo mercado (atual rua de Laranjeiras, esquina com a rua João Pessoa). A inauguração do pequeno templo ocorreu em outubro de 1857, para atender à demanda dos católicos vindos, sobretudo, do interior da província.⁹

No fundo da capela do Salvador havia um cemitério particular, com túmulo de granito e grades. Este túmulo recebeu os restos mortais do fundador da capital, Inácio Barbosa (1823-1855), trasladado de Estância para Aracaju em fevereiro de 1858.¹⁰ No ano da elaboração do mapa em exame, o teto da São Salvador passou por reforma porque “ameaçava ruína” (Miranda, 1875, p. 75).

3.2.2 Igreja de Nossa Senhora da Conceição

A matriz de Aracaju foi inaugurada em dezembro de 1875, mesmo ano de confecção do documento em análise. Ela se localiza no mapa em um largo contíguo à praça do Imperador (atual praça Olímpio Campos). A obra do templo foi contratada e executada pelo engenheiro Pedro Pereira de Andrade, autor de outras edificações na jovem capital. Mas o projeto inicial da matriz estabelecia que a igreja seria “levantada ao lado do Palácio do Governo”, onde já havia “alguns alicerces”.¹¹

Porém, o novo plano da obra alterou o local para onde até hoje se situa a Catedral de Aracaju.¹² A nova matriz foi construída num largo encharcado. No mapa pode-se ver um córrego e área de charcos. O local, portanto, precisou passar por aterros e nivelamentos. Em 1872, por exemplo, o governo conduziu “areia do cômodo mais próximo”, e com ela aterrou a parte fronteira da matriz de Aracaju (Miranda, 1875, p. 75).

⁹ A antiga capela, localizada no alto da colina do povoado de Santo Antônio, pertencia à freguesia de Nossa Senhora do Socorro e estava fora do perímetro urbano de Aracaju. Por isso, a Casa de Oração de São Salvador é o primeiro templo católico da capital.

¹⁰ O túmulo permaneceu na São Salvador de 1858 até 1917. Neste ano, por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o governo do Estado providenciou a construção de um obelisco para depositar a urna com as cinzas de Inácio Barbosa (DIÁRIO DA MANHÃ, 1917, nº 1.696, p. 01).

¹¹ O finado presidente Barbosa deixou alguns alicerces da matriz já construídos. Ela se localizaria no mesmo lugar onde foi inaugurado em 1873 o Palácio da Assembleia. A obra não foi adiante devido à morte do presidente por febre e pelo falecimento de pedreiros por cólera em 1855 (Sá & Benevides, 1856, p. 27).

¹² O início da nova construção ocorreu em 1862, treze anos antes da inauguração da matriz (Mendonça, 1862, p. 10).

3.3 Trapiches.

Além dos templos católicos, no mapa de Cernadak estão registrados cinco trapiches; quatro em Aracaju e um na Praia [Barra] dos Coqueiros. Na capital, estão assinalados os trapiches Aracaju, Schramm, Companhia Bahiana e o Aurora. E na ilha, margem oposta, vê-se somente o trapiche “Travasso” (*sic*).¹³

3.3.1 Trapiche Travasso [s].

O Travasso, como está escrito no mapa, é na verdade Travassos, na Barra dos Coqueiros.¹⁴ O nome do trapiche é uma alusão ao sobrenome de seu proprietário, Francisco José Travassos¹⁵, membro de importante clã do vale do Japaratuba.¹⁶ Anos depois, o trapiche Travassos foi arrendado ao comerciante João Rodrigues da Cruz (1844-1893), passando a se chamar trapiche Rodrigues, ao tempo em que o governo situou este trapiche na zona fiscal da capital, como os demais na margem oposta, em Aracaju.¹⁷

3.3.2 Trapiche Aracaju.

Dentre os trapiches inscritos no mapa, o Aracaju ficava no extremo norte fluvial da cidade. Ele foi o primeiro e o maior trapiche da capital, passando a funcionar em 1858.¹⁸ Pertencia a uma sociedade particular de empresários, a Associação Sergipense.¹⁹ O trapiche Aracaju era o mais equipado e o de melhor construção da província. Possuía espaçosas acomodações, todo construído de pedra e cal (numa cidade com muitas edificações de palha ou de taipa) e coberto de telha sobre madeira de lei.²⁰

¹³ Trapiches são armazéns às margens de rios, onde eram estocadas mercadorias para importação ou exportação. A capital sergipana tinha no comércio fluvial e marítimo um de seus pilares econômicos. Aracaju assumiu papel centralizador na conferência de bens comercializados pela barra do Cotinguiba (ALMEIDA, 1984, p. 124-126).

¹⁴ “Em frente a Aracaju, na margem oposta, está a pequena povoação denominada Barra dos Coqueiros, onde também há um trapiche, em que os navios vão carregar” (BUENO, 1882).

¹⁵ Francisco José era filho do empresário e político Antônio José da Silva Travassos (1804-1872), que ofereceu os “Apontamentos históricos e topográficos sobre a província de Sergipe” ao Imperador Pedro II, em 1860.

¹⁶ A propriedade do trapiche foi protestada na justiça por seu construtor, José Luiz de Goes. Francisco Travassos venceu a causa na última instância judicial na Bahia, em 1873, embora Luiz de Goes continuasse a reivindicar o trapiche até o fim da década de 1870. Francisco José Travassos era capitão honorário do Exército Imperial e lutou na Guerra do Paraguai (1865-1870). Ele chegou a ser comandante geral do Corpo de Polícia de Sergipe, em 1878. (JORNAL DO COMMERCIO, 1878, nº 21, p. 04); (JORNAL DO ARACAJU, 1878, nº 963, p. 01-02); (A CRENÇA, 1873, nº 03, p. 04).

¹⁷ João Rodrigues da Cruz, e seu irmão Thomaz, eram empresários baianos que se estabeleceram em Maruim. Eles foram um dos fundadores do Gabinete de Leitura daquela cidade em 1877. (JORNAL DE SERGIPE, 1880, nº 80, p. 02); (CRUZ E SILVA, 2020, p. 251-255).

¹⁸ Em 1859, o Ministério da Fazenda concedeu ao trapiche Aracaju o alfandegamento, ou seja, autorização para que ocorresse no trapiche armazenagem, fiscalização, despacho e cobrança de taxas de mercadorias procedentes do exterior, ou a ele destinadas (JORNAL DO COMMERCIO, 1859, nº 143, p. 05).

¹⁹ Associação Sergipense era a empresa responsável pela rebocagem e praticagem das embarcações na barra do Cotinguiba, evitando encalhes e naufrágios. Ela foi criada por decreto em 1854 e iniciou seus trabalhos de reboque em 1856. A empresa recebia subvenções dos governos provincial e geral, além das taxas por reboque dos proprietários ou consignatários de navios. Os empresários, quase todos proprietários de engenhos de cana de Sergipe, perderiam o contrato de privilégio caso seus vapores auxiliassem no tráfico de africanos ou no contrabando de mercadoria. Em 1875, o reboque de embarcações era feito pelo vapor Santo Antônio e a praticagem pelo cúter Aracaju, fabricados na Inglaterra.

²⁰ O trapiche Aracaju era dividido em três compartimentos ligados por trilhos de ferro, cuja terceira parte ficava sobre pilares de pedra e era assoalhada, servindo para depósito e escritório. Ele possuía, por fim, uma ponte de madeira para atracadouro dos navios, com três guindastes e duas balanças (JORNAL DO ARACAJU, 1876, nº 718, p. 04).

3.3.3 Trapiche Schramm.

Depois do Trapiche Aracaju, vindo do norte para o sul pela margem direita do rio Sergipe, temos no mapa de Cernadak o trapiche Schramm, também denominado de “Mello”. Ele pertencia à poderosa empresa mercantil alemã A. Schramm & C.^a, com sede em Maruim-SE desde 1839.

Seus principais sócios pertenciam a uma tradicional família de comerciantes de Hamburgo, na Alemanha, que empreenderam no Brasil (Pernambuco, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro) por mais de meio século. Sergipe ainda espera um estudo sistemático sobre o alcance e a importância dos Schramm na economia da província.²¹

3.3.4 Trapiche da Companhia Bahiana.

Após o trapiche Schramm, na direção sul, vê-se no mapa de Cernadak o trapiche da Companhia Bahiana de navegação a vapor. Esta companhia substituiu em agosto de 1858 a empresa baiana de vapores Santa Cruz no serviço de navegação de cabotagem, com viagens de passageiros e cargas entre a Bahia e Sergipe.²²

4. ALFÂNDEGA.²³

Seguindo ainda na direção sul, pela margem direita do Cotinguiba, no mapa do engenheiro austríaco, vê-se a Alfândega. Numa cidade portuária e com a barra comercialmente mais movimentada da província, a Alfândega era “uma das mais importantes e urgentes necessidades”, declarou um governante (Sá & Benevides, 1856, p. 23).

A Alfândega fora transferida do povoado Porto das Redes, passou para a Barra dos Coqueiros e depois para as praias do Aracaju, numa casa improvisada, antes da mudança da capital, em 1855. Após a transferência, providenciou-se a construção de um “espaçoso armazém” para mercadorias, um ancoradouro com guindaste e um prédio próprio para o serviço alfandegário. As repartições fiscais do prédio ficaram voltadas para um largo quadrilátero. Em 1857, a Alfândega de Aracaju já estava concluída. Assim, este largo ficou denominado de praça da Alfândega.

Nesta praça, conforme está no mapa de Cernadak, vemos outras edificações públicas em vermelho: Mesa de Rendas Provinciais (a leste); Quartel de Linha ou Exército (a oeste) e Cadeia (ao norte). A praça da Alfândega mudou de topônimo com o passar dos anos: praça da Cadeia, em 1869; praça 24

²¹ Os principais sócios da A. Schramm & C.^a eram os irmãos Adolph (1805-1887) e Ernst (1812-1882), e o sobrinho Otto (1842-1911). ALMEIDA (1984) afirma que A. Schramm & Cia. se estabeleceram em Maruim em 1834. Por outro lado, CRUZ e SILVA (2020) afirma que eles se instalaram em 1841. Mas encontramos nota no Jornal do Commercio, da Corte, em que os próprios membros da A. Schramm & Cia. afirmavam que se estabeleceram em Maruim desde 1839. (JORNAL DO COMMERCIO, 1843, nº 226, p. 03-04).

²² Horácio Urpia, vice-cônsul de Portugal, era gerente da Companhia Bahiana em Aracaju. Com o tempo, reclamações surgiram, a ponto de serem denunciadas na Assembleia Provincial pelo deputado José d'Aguiar Botto de Barros (1855-1896), devido à falta de asseio dos velhos vapores; falta de regularidade e pontualidade (BROTERO, 1858, p. 51); (DANTAS, 1869, p. 09).

²³ Repartição pública onde se inspecionam bagagens e mercadorias em trânsito e onde se efetua a cobrança das taxas correspondentes de entrada e saída; Aduana (HOUAISS, 2002).

de Outubro, em 1873; praça Ciro de Azevedo, em 1927; e por fim praça General Valadão, em 1931 até hoje. (Porto, 2003, p. 121-122).

5 PONTES.

5.1 Ponta [ou ponte] do consul. Noruego.

Logo após a Alfândega, na direção sul, este topônimo está assinalado no mapa de Cernadak. Ele se refere ao atracadouro do Consulado da Noruega e Suécia, cujo vice-cônsul era Eduardo Wynne.²⁴ Ele fora substituído no vice-consulado por Henrique Schramm, um dos membros da A. Schramm e C^a, pois Wynne falecera na cidade de Maruim-SE em 05 de março de 1875. O Consulado Noruego ou Norueguês se localizava na rua da Aurora, nº 18, numa casa de propriedade da empresa Schramm & C^a (JORNAL DO ARACAJU, 1875, nº 575, p. 01).

5.2 Ponte do Imperador.

Antes denominada de Ponte do Aracaju, este atracadouro de madeira foi elaborado pelo engenheiro Pedro Pereira de Andrade. Ele foi o equipamento mais cômodo para desembarque de Suas Majestades durante a visita à província em 1860 (GALVÃO, 1860).

Após reformas estruturais no início do século XX, a ponte do Imperador mudou de nome, passando a se chamar ponte metálica ou inglesa, em 1904. Em 1920, houve outra reforma com instalação dos atuais pórticos com esculturas de dois indígenas, representando os povos originários de Sergipe. Na década de 1930, ocorreu a reforma que lhe deu as feições atuais, com estrutura de concreto armado. Ela ainda é um dos atrativos arquitetônicos mais peculiares de Aracaju. A ponte do Imperador teve e tem vários usos socioculturais, como apoio para embarque e desembarque durante a tradicional procissão de Bom Jesus dos Navegantes; para embarcações de desportistas náuticos e de pescadores, e para descanso dos visitantes (Medina, 2005).

5.3 Ponte de Aurora.

Já no extremo sul da margem direita do rio Sergipe, está escrito no mapa em apreço 'ponte de Aurora'. Este termo diz respeito ao atracadouro ou pontilhão do trapiche Aurora. O nome do trapiche faz alusão à principal rua do comércio à época. O trapiche Aurora se localizava na confluência da rua da Aurora com a esquina sul da rua de Estância.

O Aurora, além de servir de entreposto de bens comerciais, era um ponto de venda de bilhetes para o vaporzinho que fazia a viagem de passageiros e mercadorias do porto de Aracaju aos portos de Laranjeiras e Maruim, no vale do Cotinguiba. Além de passageiros e transporte de mercadorias, o Aurora também era um dos pontos de comercialização de pessoas escravizadas (DIÁRIO DE SERGIPE, 1877, nº 110, p. 04).

²⁴ Existiam outros consulados e cônsules em Aracaju em 1875: Portugal (Horácio Uripia), Alemanha (Franz Otto Schramm), Uruguai e França (José Narbone).

6 CASA DE MERCADO.

Na esquina da rua de Laranjeiras com a rua da Aurora, e próximo à Igreja de São Salvador, vê-se um retângulo vermelho que se destaca no mapa de Cernadak. Ali é o local da primeira Casa de Mercado de Aracaju. Antes, nessa confluência de ruas, ocorria a feira popular. Mas, devido às reclamações das autoridades pela falta de higiene e atitudes consideradas reprováveis dos feirantes em plena rua, resolveu-se pela construção do mercado como forma de ordenação dos costumes.

O terreno da Casa de Mercado foi doado pelo Barão de Maruim (1809-1890) ao Hospital de Caridade de Aracaju. A construção foi iniciada com “empréstimo sem juros” ao hospital pela Assembleia Legislativa. A Casa de Mercado foi inaugurada em 1870, porém a obra recebeu severas críticas de uma autoridade, tais como: má escolha do local; compartimentos incompletos e plano da obra “inteiramente defeituoso” (RAMOS, 1871, p. 70-71). Parece que as críticas eram procedentes. Pois, três anos após a elaboração do mapa de Cernadak, 1878, a Casa de Mercado passou por reforma porque “estava a desabar e era um verdadeiro charco” por problemas no telhado (Ferreira, 1878).²⁵

7. CIMITÉRIO (S/C).

No mapa de Cernadak, o cemitério de Aracaju está localizado a noroeste do plano urbanístico da capital, na estrada que leva ao povoado de Santo Antônio. Vê-se um quadrilátero com cruzes, assinalando covas, e uma capela no meio, na cor vermelha, indicando prédio público. No início, essa necrópole recebeu o nome de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da capital. O terreno foi comprado em 1860 a um certo João Barbosa, e ficava ao poente da estrada de Santo Antônio.

Naquele mesmo ano, milhares de pessoas da capital e cidades vizinhas participaram de uma Santa Missão, dirigida por Frei Paulo de Casanovas e Frei David de Perugia, para ajudarem na construção dos alicerces do cemitério. Com isso, a população carregou pedras do porto de Aracaju até o terreno do campo santo, de dia e de noite, por “uma estrada de areia” e com elevações (CORREIO SERGIPENSE, 1860, nº 43, p.01).

A área foi benzida em 1862 e logo funcionou o serviço funerário. Sua planta foi elaborada pelo capitão de engenheiro Francisco Pereira da Silva. Ela possuía duas seções divididas por um muro, com uma capela, uma casa do guarda na 1ª seção e 836 sepulturas, número esse depois reduzido à metade. Uma das duas seções era destinada aos sepultamentos de acatólicos e escravizados. Atualmente, o antigo cemitério se denomina de Santa Isabel e ainda está em funcionamento.

²⁵ A construção da Casa de Mercado foi ideia da comissão administrativa do Hospital de Caridade, criado em 1862 numa casa na rua da Aurora. O mercado seria uma forma de auferir renda para aquele estabelecimento pio. O hospital atendia aos doentes desvalidos da província, livres ou escravizados; como também a militares da polícia e do exército (MACEDO, 1872, p. 53-55).

8 ST. ANTONIO.

Na fonte em análise, na direção do extremo noroeste da capital, e depois do cemitério, encontra-se o povoado de Santo Antônio. Ele passou a ser interligado a Aracaju por uma estrada de terra, a Estrada Nova (atuais avenidas João Ribeiro e Carlos Firpo) logo no primeiro ano da capital. A Estrada Nova facilitava o acesso dos moradores de Aracaju ao recôncavo da Cotinguiba, através do Santo Antônio, passando por Nossa Senhora do Socorro até Laranjeiras (Sá & Benevides, 1857, p. 18-19).

Aquela estrada está margeada por moradias no mapa de Cernadak, desde Aracaju até o alto da colina. Esta elevação aparece no documento representada por uma capela circundada por residências. O povoado com a igreja se tornou um dos arrabaldes mais pitorescos na segunda metade do oitocentos. Assim, em 1873, dois anos antes da confecção do documento em análise, um anúncio vendia “casa em Santo Antônio do Aracaju com bons cômodos para família” (JORNAL DO ARACAJU, 1873, nº 409, p. 04).

9 ANCORADOURO DOS NAVIOS; LAMA E VAPOR DE REBOQUE.

No mapa do engenheiro austríaco estão escritos de tinta vermelha, no leito do rio, os termos acima. O ancoradouro e o rebocador eram elementos importantes para Andréas Cernadak, na medida em que ele foi contratado para fazer um novo plano do porto de Aracaju. A ideia era melhorar as condições portuárias de navegação para aumentar a exportação direta a outros países, que representava apenas 25% do total em relação ao exportado para dentro do Império (Miranda, 1874).

Sobre o ancoradouro do porto de Aracaju, ele era largo e tranquilo. Conforme o engenheiro militar Pimenta Bueno (1836-1888), o porto possuía “um ancoradouro de 6.600 metros de extensão e 900 metros de largura, com profundidade bastante para navios de grande calado. Segundo outra fonte, o experiente capitão da marinha francesa, Ernest Mouchez (1821-1892), que descreveu a costa do Brasil nos anos 1860, e entrou na barra até o porto, Aracaju possuía um “bom ancoradouro abrigado de correntes, de 06 a 07 metros de profundidade, com areia e lama” (Mouchez, 1874, p. 149).

Já o importante engenheiro norte-americano, William Milnor Roberts (1810-1881) escreveu, quando esteve em Sergipe em janeiro de 1881, que “o porto de Aracaju está bem suprido de molhes²⁶ e trapiches, com todos os cômodos para carregar e descarregar navios”.²⁷

Quanto ao serviço de reboque, ele era imprescindível na barra de maior movimento. O serviço era realizado pela Associação Sergipense porque a barra da Cotinguiba era uma das mais perigosas para transpor com embarcações lotadas. Os abalroamentos, encalhes e naufrágios contra bancos arenosos e movediços eram comuns.

²⁶ Molhe: paredão nos portos marítimos, a modo de cais, destinado a proteger das vagas do mar as embarcações, podendo dispor de berços para atracação; quebra-mar (Houaiss, 2002).

²⁷ O engenheiro Milnor Roberts faleceu em 14 de julho de 1881, seis meses depois de passar por Aracaju (SERGIPE, 1881, nº 16, p. 03).

Tais sinistros eram constantes devido ao intenso assoreamento e acumulação de areia na passagem dos três canais que davam acesso à barra. Segundo o experiente engenheiro Milnor, “é necessária cuidadosa praticagem ao passar a barra [do Cotinguiba]”. Para ele, uma das soluções seria a colocação de boias em lugares convenientes, para servirem de balizas aos navios (Roberts, 1881, p. 22-23).

Apesar disso, o serviço de reboque realizado pela Associação Sergipense minimizou os sinistros e aumentou a segurança das embarcações, contribuindo para a arrecadação alfandegária. A barra propriamente dita estava, então, no canal sul, paralelo à Atalaia, torre de sinalização das condições de maré.²⁸

10 MANGUE E APICUM SECCO.

O topônimo ‘Apicum Secco’, no mapa de Cernadak, está localizado ao norte da capital, paralelo ao mangue e ao rio Cotinguiba.²⁹ Essa região corresponde hoje à parcela dos bairros Industrial e Porto D’Antas. A área do Apicum seco foi parcialmente aterrada nos primeiros anos da cidade “até o porto da passagem do rio do Sal” (Sá & Benevides, 1856, p. 31).

Em 1859, fez-se o exame e orçamento dos aterros necessários no porto do rio do Sal, como também uma pequena ponte no apicum próximo. Essa passagem precisava de “urgentes melhoramentos” porque ligava a estrada que seguia de Aracaju até a cidade de Laranjeiras, atravessando aquele rio (CORREIO SERGIPENSE, 1859, nº 25, p. 03).

Somente em 1874, um ano antes da confecção do mapa em exame, iniciou-se a obra da estrada que principiava em Aracaju, passando pelo apicum seco até o rio do Sal, em direção à Laranjeiras, “na extensão de 1,25 léguas [cerca de 7 Km]”. Constituía o trabalho “na abertura de uma picada e arrancamento de tocos na largura de 6 braças [cerca de 11 metros]”. No entanto, o trabalho da estrada foi paralisado devido, como sempre, ao “estado não lisonjeiro dos cofres” (Miranda, 1874, p. 28).

CONCLUSÃO

Embora o engenheiro austríaco Andréas Cernadak não tenha concluído a comissão para que fora enviado, seu registro cartográfico nos legou uma importante representação de Aracaju em 1875, vinte anos após a sua fundação. Através desse testemunho é possível reconstituir a configuração da capital: as primeiras vias e logradouros; diferentes edificações e as desigualdades socioespaciais; vetores de crescimento, a partir da matriz (oeste), do cemitério e do povoado Santo Antônio (noroeste) e do porto (norte). Ou seja, neste mapa vislumbramos o quão era incipiente a urbanização da capital nas duas primeiras décadas após a sua criação.

²⁸ No mesmo local da Atalaia de madeira, foi instalada em 1888 uma torre de metal com farol, atualmente desativado e denominado farol da Farolândia. Repartição de Fharoes (GAZETA DE ARACAJU, 1888, p. 04).

²⁹ Apicum, ou apicum, é palavra de origem tupi (ape’ku) e significa brejo de água salgada à beira-mar; ou ainda, limite da terra firme com o mangue (Houaiss, 2002).

Outrossim, o mapa representa a importância do rio e da barra do Cotinguiba para a economia da província; a presença de comerciantes europeus; a emergência de equipamentos e serviços religiosos e funerários para atender a uma população adventícia; e os desafios de uma topografia com dunas, charcos e apicuns, transformada em área habitável.

Tudo isso conjugado à presença de morbididades e precárias condições de higiene pública, constantemente reclamadas pelo então inspetor de saúde. Segundo seus relatos, escritos no mesmo ano do mapa de Cernadak, o asseio de Aracaju não era exemplar. Pois, segundo aquela autoridade de saúde pública, a população cometia “grosseiras e repetidas violações às leis sanitárias”. Ele denunciou que as arenosas ruas e praças eram “cobertas de imundícias”, e que perseverava “absoluta falta de asseio” nos lagos, fontes, riachos e matadouro, bem como nas inumações do cemitério público, sob a indiferença e inércia da Câmara de Vereadores (Sampaio, 1875).

Somado a isso, a cidade sofria outro inconveniente: o esgoto geral da então nova cadeia, que é perceptível para quem olha atentamente o mapa de Cernadak. Este esgoto se comunicava com as ruas da capital, para onde corriam durante as enchentes “parte das matérias fecais do estabelecimento”. Esta situação se repetia mesmo após reiteradas reclamações do inspetor ao administrador do presídio e aos vereadores. Além da cidade, dr. Francisco Sabino denunciava que no rio Cotinguiba viam-se “abandonadas toda sorte de imundícias”. Neste cenário, eram comuns doenças que acometiam fatalmente moradores e visitantes, a exemplo da desinteria, tuberculose e febres (Sampaio, 1874).³⁰

Assim, o mapa examinado é uma fonte preciosa para reconstruir o perfil urbano de Aracaju após duas décadas de vida. Desta forma, a paisagem desenhada por Andréas Cernadak, e cotejada com fontes coevas, nos permite ver um “fotograma” da estrutura socioespacial de Aracaju em seus primórdios. Este cenário foi a base para se enfrentar os desafios de uma cidade em construção, com vistas a tornar a capital de Sergipe um lugar decentemente habitável. Tal esforço de urbanização obteve maior êxito, em grande medida, somente nas primeiras décadas do século XX.³¹

Por fim, o mapa de Cernadak é uma fonte seminal para futuros pesquisadores pensarem a capital de Sergipe em sua árdua evolução histórica e urbana a partir da segunda metade do século XIX.

REFERÊNCIAS (FONTE E BIBLIOGRAFIA)

A Crença. Aracaju, 17 de outubro de 1873, nº 03, p. 04.

ALMANAK do Império do Brasil para 1883. Rio de Janeiro: H. Laemmert & C., 1883. p. 727, (Almanak das Províncias, 3º v.).

ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1984.

A NAÇÃO. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1874, nº 202, p. 03.

³⁰ Sobre as febres que maltratavam os moradores de Aracaju, ver Santana (2001).

³¹ Sobre um panorama de Aracaju no início do século XX, ver Silva (1920).

A NAÇÃO. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1875, nº 200, p. 01.

ASSIS, Antero Cícero de. **Relatório do chefe de polícia.** Aracaju, Secretaria da Polícia, 10 de janeiro de 1867.

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagens pelas províncias da BA, PE, AL e SE-1859.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 335. (1ª edição alemã de 1860).

BRASIL. Arquivo Nacional (RJ). CERNADAK, Andréas. **Mapa da Barra e do rio Cotinguiba, cidade do Aracaju, província de Sergipe.** Aracaju, 20 de setembro de 1875. Manuscrito colorido (frente). Escala:1:5.000, larg. 174 cm X alt. 81 cm. Código de Referência: BR RJANRIO 4Y.0.MAP.149. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br>. Acesso em: 20/11/2024.

BROTERO, João Dabney d'Avellar. **Relatório de abertura da Assembleia.** Aracaju: Typ. de A. Olavo de França Guerra, 15 de abril de 1858. p. 51

BUENO, Francisco Antônio Pimenta. **Relatório sobre preferência de traçados para estrada de ferro na província de Sergipe.** Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1882.

CARDOSO, Amâncio. Basílio Pirro: um engenheiro a serviço do império, 1848-1880. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** Aracaju, v. 2, n. 53, p. 333-351, 2023.

CARDOSO JUNIOR, Francisco J. **Relatório com que abriu a Assembleia.** Aracaju: Typ. do Jornal do Aracaju, 03 de março de 1871.

CERNADAK, Andréas. **Relatório e planta sobre o melhoramento do Porto de Maceió-AL.** Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 29 de maio de 1875.

Correio Sergipense. Aracaju, 21 de abril de 1858, nº 19. p. 04.

Correio Sergipense. Aracaju, 20 de abril de 1859, nº 25, p. 03.

Correio Sergipense. Aracaju, 07 de maio de 1859, nº 29, p. 02.

Correio Sergipense. Aracaju, 20 de agosto de 1859, nº 53, p. 04.

Correio Sergipense. Aracaju, 22 de maio de 1860, nº 42, p. 04.

Correio Sergipense. Aracaju, 26 de maio de 1860, nº 43, p. 01.

Correio Sergipense. Aracaju, 09 de novembro de 1861, nº 89, p. 01.

CRUZ E SILVA, Maria Lúcia Marques. **Inventário Cultural de Maruim.** 2. ed. Maruim-SE: Colorgraf, 2020.

DANTAS, Dionísio Rodrigues. **Relatório com que passou a administração.** Aracaju: Typ. do Jornal do Aracaju, 02 de dezembro de 1869. p. 09.

Diário da Manhã. Aracaju, 30 de janeiro de 1917, nº 1.696. p. 01.

Diário de Sergipe. Aracaju, 28 de junho de 1877, nº 110, p. 04.

FERREIRA, Gervásio Campelo et alii. **Relatório da Comissão do Hospital de Caridade.** Aracaju, 06 de janeiro de 1878.

FONTES, José Martins. **Relatório com que abriu a Assembleia Provincial.** Aracaju, 06 de março de 1877.

FIOCRUZ. Comunidade do Quilombo da Maloca aguarda titulação para poder garantir seu território e acessar projetos sociais. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/>. Acesso em: 27/05/2024.

FREIRE, Laudelino. **Quadro Chorographico de Sergipe.** Rio de Janeiro: H. Garnier, 1898.

GALVÃO, Manuel da Cunha. **Relatório à Assembleia Provincial.** Bahia: Typographia de Poggetti de Cattelina e Cª, 1860.

Gazeta de Aracaju, 20 de setembro de 1888, nº 604, p. 04.

HOUAISS, A. *et al.* **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Jornal do Aracaju, 06 de setembro de 1873, nº 409, p. 04.

Jornal do Aracaju, 26 de outubro de 1873, nº 423, p. 03-04.

Jornal do Aracaju, 03 de abril de 1875, nº 575, p. 01.

Jornal do Aracaju, 27 de abril de 1875, nº 585, p. 04.

Jornal do Aracaju, 29 de julho de 1876, nº 718, p. 04.

Jornal do Aracaju, 25 de novembro de 1877, nº 888, p. 04.

Jornal do Aracaju, 19 de junho de 1878, nº 963, p. 01-02.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1843, nº 226, p. 03-04.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 25 de maio de 1859, nº 143, p. 05.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1874, nº 338, p. 02.

Jornal do Commercio. Aracaju, 30 de janeiro de 1878, nº 21, p. 04.

Jornal de Sergipe. Aracaju, 13 de fevereiro de 1879, nº 18, p. 04.

Jornal de Sergipe. Aracaju, 20 de setembro de 1879, nº 93, p. 04.

Jornal de Sergipe. Aracaju, 26 de março de 1880, nº 23, p. 03.

Jornal de Sergipe. Aracaju, 04 de setembro de 1880, nº 80, p. 02.

Jornal de Sergipe. Aracaju, 11 de setembro de 1880, nº 82, p. 02.

MACEDO, Luís Álvares d'Azevedo. **Relatório apresentado à Assembleia**. Aracaju: Typ. do Jornal do Aracaju, 04 de março de 1872.

MEDINA, Ana. **Ponte do Imperador**. 2. ed. Aracaju: J. Andrade, 2005.

MENDONÇA, Joaquim J. de. **Fala com que abriu a Assembleia**. Aracaju, 1º de março de 1862.

MIRANDA, Antônio dos Passos. **Relatório com que abriu a Assembleia Provincial**. Aracaju: Typ. Jornal do Aracaju, 02 de março de 1874.

MIRANDA, Antônio dos Passos. **Relatório com que abriu a Assembleia Provincial**. Aracaju: Typ. do Jornal do Aracaju, 1º de março de 1875.

MOUCHEZ, Ernest Amédée Barthélemy. **Les Côtes du Brésil**: descriptions et instructions nautiques. Paris: Imprimerie Nationale, 1874.

OLIVEIRA JUNIOR, Joaquim Bento de. **Relatório com que passou a administração**. Aracaju: Typ. do Jornal do Aracaju, 05 de setembro de 1872.

PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. **História econômica de Sergipe**: 1850-1930. Aracaju: UFS, 1987.

PORTO, Fernando. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju: J. Andrade, 2003. p. 121-122.

RAMOS, Ângelo Francisco. **Fala com que abriu a Assembleia**. Aracaju: Typ. Provincial, 20 de janeiro de 1866.

ROBERTS, William Milnor. Breve notícia sobre o exame dos portos do Norte do Brasil. In **Revista de Engenharia**. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1881, nº 02.

SÁ & BENEVIDES, Salvador C. de. **Relatório com que abriu a Assembleia**. Bahia: Typ. de Carlos Poggetti, 02 de julho de 1856.

SÁ & BENEVIDES, Salvador C. de. **Relatório com que abriu a Assembleia**. Sergipe: Typographia Provincial, 01 de fevereiro de 1857.

SAMPAIO, Francisco Sabino Coelho de. **Relatório do Inspetor de Saúde Pública**. Aracaju, 23 de fevereiro de 1874.

SAMPAIO, Francisco Sabino Coelho de. **Relatório do Inspetor de Saúde Pública**. Aracaju, 11 de março de 1875.

SANTANA, Antônio Samarone de. **As Febres do Aracaju**: dos miasmas aos micróbios. Aracaju: O Autor, 2001.

SCHRAMM, Adolphine. **Cartas de Maruim**. Tradução de José Edgar da Mota Freitas. Aracaju: UFS/NUCA, 1991.

SEBRÃO, Cypriano d'Almeida. **Relatório com que passou a administração da província**. Aracaju: Typ. do Jornal do Aracaju, 24 de fevereiro de 1876.

Sergipe. Aracaju, 08 de novembro de 1881, nº 16, p. 03.

Sergipe. Aracaju, 27 de novembro de 1881, nº 24, p. 03-04.

SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe**: 1820-1920. Rio de Janeiro: Paulo Pongetti, 1920.

SILVA LISBOA, L. C. da. **Chorographia do Estado de Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1897.

VEIGA, Evaristo Ferreira da. **Relatório à Assembleia Provincial**. Aracaju: Typ. do Jornal de Sergipe, 01 de março de 1869.

Zeitschrift des Oesterreichischen Ingenieur und Architekten Vereins. Wien, 1873. p. 08.

